

# EXUBERANCE IS BEAUTY: WILLIAM BLAKE

## ÀS MARGENS DE LA PART MAUDITE

Bruno Ribeiro de Lima

**RESUMO:** existe um resto na literatura de Georges Bataille, um detalhe que escapa ou não é visto como digno de estudo. William Blake seria um detalhe. Mas como não há detalhe nos estudos literários, propomos aqui uma análise introdutória ao que seria Blake sob o olhar de Bataille. Para isso atentaremos à epígrafe “L'Exubérance est Beauté” (“A Exuberância é Beleza”) de *La part maudite*.

\*

*A atividade humana não é inteiramente reduzida a processos de produção e de conservação, e o consumo deve ser dividido em duas partes distintas. A primeira, reduzível, é apresentada pelo uso do mínimo necessário, para os indivíduos de uma determinada sociedade, à conservação da vida e à continuação da atividade produtora: trata-se simplesmente da condição fundamental desta última. A segunda parte é representável pelos gastos ditos improdutivos: o luxo, os lutos, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (ou seja, desviada da finalidade genital) representam tantas atividades que, ao menos nas condições primitivas, têm o seu fim em si mesmas. No entanto, é necessário reservar o nome gasto a tais formas improdutivas, exceto todos os modos de consumo que servem de meio-termo à produção (BATAILLE, 1967, p. 28)*

É comum situar a relação Bataille-Blake nos anos 1940. É em 1948 que Georges Bataille consagra dois artigos na revista *Critique* – “William Blake ou la Vérité du mal” (setembro, p. 771-777, e novembro, p. 976-985)– e, alguns meses depois, já em 1949, publica na mesma revista “La théologie et la Folie de William Blake” (março, p. 275-278). Mesclando esses artigos, o autor retira o capítulo “William Blake” do livro *A literatura e o mal*. A redação de *La part maudite* teria começado igualmente nos anos 1940, em 1946 para ser mais preciso, com um conjunto de notas preparatórias conhecido hoje sob o título “L'économie à la mesure de l'univers” e facilmente encontrável no tomo VII das *Oeuvres Complètes*. É preciso, entretanto, assinalar que Bataille, na introdução do livro, deixa escapar uma informação, dando ao leitor a possibilidade de situar o

começo da composição do livro ainda nos anos 1930 (“dezoito anos, esse trabalho solicitou”) (BATAILLE, 1967, p. 52). No prefácio do livro, Jean Piel afirma a necessidade de remontar ao final dos anos 1920, pois foi a partir das investigações de Alfred Metraux que Bataille

toma conhecimento da teoria do “potlatch” exposta por Mauss em seu *Ensaio sobre a dádiva*, publicado na revista *L'année sociologique* de 1925. Essa descoberta parece estar na extrema origem do interesse que ele demonstraria [...] pela etnologia e, cada vez mais, pelos fatos econômicos [...] [essa descoberta parece] intervir como uma iluminação permitindo a Bataille representar o mundo como animado por uma ebulição, imagem essa que sempre dominou sua vida pessoal (Ibid., p. 14).

O interesse dessa breve introdução cronológica deve-se ao fato de que, enquanto uma obra passava pelo processo de *envelhecimento*, outras estavam sendo produzidas, retomadas. Assim, é muito comum visualizar uma solidariedade entre os textos de Bataille mesmo que estes sejam afastados por um estilo, por uma temática, por um propósito ou mesmo temporalmente: é isso que Bataille nomeia “a profunda ‘solidariedade’ de todos os seus textos” (MARMANDE, 1985, p. 135), pois frequentemente “a escrita romanesca e a escrita teórica cruzam suas funções” (Ibid., p. 130). É o nosso caso: o que a literatura (Blake) vem fazer, abrindo mesmo o texto, mas mantendo-se do lado de fora (não completamente, como veremos), num texto de “economia” política? A relação que Bataille mantém com a teoria, principalmente com a científica, é dupla e turva. Para Bataille, a ciência “fica sendo um legado fundamental, não pelo que ela fixa, mas pelo que ela desata” (Ibid., p. 132).

Na edição francesa de *La part maudite*, a epígrafe de Blake é mal localizada, pois o leitor tem a sensação de que ela abre o texto “La notion de dépense” e não “La part maudite”; erro que não ocorre nas *Oeuvres Complètes*, tomo VII. Blake efetivamente aparece apenas nessa parte do texto, e para ser ainda mais preciso, só no primeiro capítulo (“Introduction théorique”) de forma convincente. O que ocorre nesse capítulo, veremos, é uma disseminação semântica da epígrafe. Como se houvesse uma mutilação do provérbio, generalizando-o na sua fragmentação. É importante insistir nesse primeiro capítulo, pois em 1948, alguns meses antes da publicação da obra, Bataille escreve à editora Editions de Minuit informando que faltava ainda a introdução e a conclusão do livro. O primeiro capítulo seria, por assim dizer, o mais próximo cronologicamente do leitor; sem dizer ainda que tal capítulo se encontra no rodaminho turbulento da revista *Critique*, ou seja, no momento em que o autor escreve os artigos sobre Blake para a revista (setembro de 1948 é a data, como vimos, do primeiro artigo enviado à *Critique* sobre Blake, assim como da carta enviada à Editions de Minuit).

Concentremo-nos na palavra *exubérance*: ela enquanto tal e algumas variantes aparecem, ao que constatamos, oito vezes no *avant-propos* ao final da introdução teórica, somando em média uma palavra a cada duas páginas. Os dois primeiros casos chamam a nossa atenção pelo *continuum* que formam: “Eu insisto no fato de que, para a liberdade de espírito, a busca de uma solução é uma exuberância, um supérfluo: é este que lhe confere uma força incomparável” (BATAILLE, 1967, p. 53); e, mais à frente, “eu insistirei apenas em um fato cuja importância é decisiva: a energia solar é o princípio de seu próprio desenvolvimento exuberante” (Ibid, p. 66). Se continuarmos a leitura, logo à página 71 veremos o autor “insistir no fato de que” tudo se passa no campo da força, da energia e de sua dilapidação: “Eu insisto no fato de que não existe, geralmente, crescimento, mas apenas, sob todas as formas luxuosas, dilapidação de energia! A história da vida na Terra é principalmente o efeito de uma louca exuberância [...] (Ibid., p. 71).

*Força, energia* e tais noções similares dividem espaço com *exuberância* e seus derivados. Ou seja, *exuberância* pode ser vista, por exemplo, como sinônimo de energia excedente:

O limite do crescimento alcançado, a vida não se encontrando em uma caldeira fechada, entra ao menos em ebulição: sem explodir, sua extrema exuberância deságua em um movimento sempre no limite da explosão (Ibid., p. 68).

Como Bataille nos ensina, “se for preciso responder à exuberância: é possível, sem dúvida, *utilizá-la* para um crescimento. Porém, pensar no problema é excluí-la” (Ibid., p. 69). A ebulição da vida só existe na exuberância sem destino, nessa energia vital que, ao ser canalizada, se perde. Canalizada, essa vitalidade transforma-se em outra coisa deixando, sem volta, de ser a exuberância da vida. A possibilidade da exuberância há uma necessidade trágica: o seu fim é de se afirmar enquanto tal, de ser exuberante, de ser *beleza*. A condição de *beleza*, na visão de Bataille, é o que não deixa perder a energia em outra coisa que não seja ela mesma. A beleza se constrói no esforço de ser o que ela é.

Se a beleza é uma energia excedente, e que essa energia é ao mesmo tempo a exuberância e a ebulição da vida, pode-se dizer que tal noção sem limites, excessiva, transcorre a escrita de Bataille: o leitor encontra-se, assim, face a uma exuberância que é ao mesmo tempo teorizada e posta em prática. A iteração em Bataille ultrapassa o repetir, o dizer o mesmo. Ela junta-se à noção mesmo de gasto (*dépense*) sob o ângulo insensato, diga-se de passagem, da enunciação. Sendo a escrita, a literatura e a reflexão crítico-filosófica formas empregadas no âmbito de uma vontade de

*gasto*, necessidade em dar livre curso à uma energia excedente, tudo isso são caminhos em direção ao gasto suntuoso sem ter à primeira vista um objetivo preciso. No caso de Bataille, a repetição mostra um paradoxo singular segundo o qual o elemento repetido se exclui ao mesmo tempo que retoma aquele outro já dito e idêntico. Cabe ao leitor tal tarefa: a explosão e a mutilação só existe no abandono do sujeito num outro. E Bataille é consciente de tal labirinto.

Ilustremos uma repetição ainda em *La part maudite*. O capítulo “Le monde bourgeois” (“O mundo burguês”) inicia-se desta forma:

Na origem da sociedade industrial, fundada sobre o primado e a autonomia da mercadoria – da *coisa* – encontramos uma vontade contrária de posicionar o essencial – *que assusta e arrebatava no estremecimento* – fora do mundo da atividade, do mundo das *coisas* (Ibid., p. 165).

As palavras *mercadoria*, *atividade* e *coisa* podem, nesse contexto, ser intercambiáveis, tudo fazendo parte de uma só *coisa*. A crítica de Bataille ao mundo burguês da *coisa*, termo em itálico em todo o capítulo, se faz em uma constante reiteração, no limite do tique linguístico. Eis alguns exemplos: “uma sociedade capitalista em geral reduz o humano à *coisa*”; “que o homem não seja apenas reduzido a *uma coisa*”; “o reino da *coisa*”; “o essencial é a *coisa*”, “[os clérigos e os nobres] *pretendiam* não ser *coisas*, mas a qualidade de *coisa*”, “reduzir a *uma coisa*” “escapar à redução dos indivíduos a *coisas*”<sup>1</sup> ... A escrita diz, assim, a crítica à *coisa*, expandindo o signo até a sua explosão. A repetição excessiva no final é a figuração da ausência, da necessidade de apagamento da *coisa*. É o paradoxo mesmo do olhar, como o Sol, fonte de luz, possibilitador do *ver*, mas que em seu excesso mesmo impede o homem de olhá-lo fixamente. A literatura de Bataille enfatiza constantemente esse paradoxo.

“O Tigre” de William Blake é a única ocorrência direta no texto de Bataille. Aparece justamente quando o autor examina a diferença entre a consumação de energia entre os vegetais e os animais. A referência ao discurso sobre o Sol é certa e explícita:

William Blake perguntava ao tigre: “em quais abismos, em quais céus longínquos, o fogo de teus olhos incendiou-se?”. O que o impressionava nessa forma era a pressão cruel, no extremo do possível, o poder de consumição intenso da vida. Na efervescência geral da vida, o tigre é um ponto de extrema incandescência. E tal incandescência, na verdade, incendiou-se na profundidade recuada do céu, na consumição do sol (Ibid., p. 72)<sup>2</sup>.

Sendo a vida vegetal menos onerosa que a vida animal, o luxo só pode ser representado por aquilo que é oneroso, ou seja, animal. A vida vegetal é o contrário absoluto do gasto solar: o esforço que

ela faz para se manter em vida, isto é, desenvolver-se, se resume na espera dos raios do Sol. Tal forma de vida representaria uma *economia* acumuladora. Bataille explica que o acúmulo é uma resposta a um período de gasto exacerbado, como a guerra:

A manducação das espécies umas pelas outras é a mais simples forma de luxo. As populações bloqueadas pelo exército alemão adquiriram, graças à fome, um conhecimento vulgarizado deste aspecto oneroso do desenvolvimento indireto da matéria viva. Cultivando-se batatas ou trigo, o rendimento de uma terra em calorias consumíveis é muito maior que o de um rebanho em leite, ou em carne, em uma terra equivalente em pasto (Ibid., p. 71-72).

Um animal selvagem, o tigre, precisa de uma enorme quantidade de energia para sobreviver. O animal deve necessariamente *gastar* uma grande parte dessa energia para que a vida siga existindo. A busca por fontes de energia, as *hecatombes* segundo Bataille, deixa entrever a efervescência da vida: quanto mais um animal selvagem é um predador, mais cintilante é a vida que ele nos mostra. O leão, o tigre, a águia, o falcão são alguns dos animais vistos como *belos* sob os olhos humanos. Contrariamente, o urubu, a hiena, cuja fonte de energia é um animal morto, não compartilham *a priori* o mesmo paradigma humano da beleza animal. O tigre deve expor a necessidade, intrínseca a sua configuração animal, de acumular uma parte de energia ao caçar. Paradoxalmente e ao mesmo tempo, a caça é a exibição de sua *beleza exuberante*, ou seja, o seu *gasto* de energia. No instante ínfimo da caça cintila a vida em todo o seu esplendor.

Bataille sugere uma que haja uma relação mútua – embora em constante tensão – entre a dilapidação da energia, o gasto e a aquisição de energia: o Sol, alto e soberano, em sua ebulição eterna, encontra-se no ápice, transformando-o em coisa inalcançável; o tigre sendo o reflexo do Sol, sua exuberância animal (sua beleza) se constrói sob um gasto de energia a qual ele é condenado a buscá; por último, a maioria dos vegetais, que são de fácil alcance aos humanos, não representam quase nenhum gasto de energia; não são, assim, o reflexo do Sol, mas o resultado da energia solar.

Animal por excelência, o Homem se encontra oposto à vida vegetal, como o tigre. Segundo Bataille, o Homem compartilha o mesmo princípio de exuberância do animal predador, e por isso mesmo está destinado a um paradoxo insolúvel:

[...] o homem é, de todos os seres vivos, o mais apto a consumir intensamente, luxuosamente, o excedente de energia que a pressão da vida oferece para serem queimadas conformes à origem solar de seu movimento (Ibid, p. 75-76).

Bataille não afirma em nenhum momento que o Homem é *solar*, ou *filho do sol*; pelo

contrário, ele conclui que o “Homem é muito pouco ‘sol’”<sup>3</sup>. Simplesmente, o movimento da vida humana é conforme o Sol, isso é, herdamos do Sol apenas a necessidade em queimar o excesso de energia – mas, diferentemente, o Sol é eterna superabundância. Tal combustão movimenta a vida. O paradoxo do homem, ainda segundo Bataille, é que “no ponto culminante da exuberância, o sentido lhe é velado em todas as formas” (Ibid., p. 76). A vida humana se resumiria à consumação do excedente de energia, ação essa tida como luxuosa, exuberante. Entretanto, o desejo humano pela consumação é cada vez mais elevado, impulsionando o Homem ao excesso “consumatório”<sup>4</sup>, que será uma forma de exuberância cada vez mais imponente e luxuosa cujo ponto culminante é a autoconsumação. O ápice do luxo humano é o consumo de seu próprio corpo – o que explicaria, em um sentido, a guerra. Bataille denuncia, de certa forma, uma perda: o Homem moderno não compartilha mais o sentido arcaico do gasto suntuário. E mesmo que ele tenha o desejo de purgar um excedente de energia, a forma escolhida pelo Homem é uma caricatura do sentido sacro primitivo. Pendendo a memória arcaica, o Homem encontra-se fadado ao não-sentido, pois, de uma ligação universal com o mundo, o que nos resta é a exclusividade de si.

É evidente que Bataille não formulou o primeiro capítulo de *La part maudite* a partir da epígrafe de William Blake, porém – foi que o tentamos demonstrar nesse artigo – o caráter universal do provérbio contribui para a nossa investigação. Se a “*Exuberância é Beleza*”, o homem, destinado à consumação cada vez mais intensa, procura por meio do gasto de energia a *beleza*. Diga-se que toda forma de exuberância, no sentido batailliano, leva à *Beleza*. Os diferentes meios de *gasto*, como o luto, o luxo, as guerras, os cultos, os jogos, a literatura, a arte, por mais diversos que sejam entre si, não diferem tanto do que finalmente procuram. Por que não levar em conta essa nossa proposição ao olhar de perto a escrita de Bataille, já que nela não raramente encontramos o discurso do jogo, das artes, dos bordéis, do sacrifício, da literatura, do corpo, dos excrementos, todos eles misturados? Tal transbordamento (“*débordement*”, como dirá Bataille) é um dos sentidos do sagrado na sua visão. Jean-François Louette, na introdução da edição francesa da Pléiade, afirma que “transgredir o sagrado cristão é exatamente transbordá-lo, tal a cheia de um rio transgride o seu leito” (BATAILLE, 2004, p. LX). A horizontalidade e a convulsividade são festejadas nas mãos de Bataille; vão de encontro ao sentido vertical e restrito do pensamento cristão. Transbordar, ou seja, ir além das bordas, é glorificar a violência e a heterogeneidade. O particular, o uno, não tem muito espaço no pensamento batailliano. A angústia (e aqui citaremos as duas últimas ocorrências de Blake no texto de Bataille) só existe pessoalmente, pois

só pode haver angústia de um ponto de vista pessoal, *particular*, radicalmente contrário ao ponto de vista *geral*, baseado na exuberância da matéria viva em seu conjunto. A angústia é vazia de sentido para quem transborda vida e para o conjunto da vida que é um

transbordamento por essência (BATAILLE, 1967, p. 77).

O sentimento de angústia, sendo “a ausência (ou a fraqueza) da pressão exercida pela exuberância da vida” (Ibid.), é igualmente a sensação de não alcançar a ebulição, a efervescência. No meio de tanta *morte*, tanta *podridão* e *sacrifícios* celebrados por Bataille, a literatura é o lugar da vida, da homenagem à vida. E, para citar um último paradoxo, Bataille é um escritor à parte por vários motivos e gostaríamos de citar apenas um: comentando Baudelaire, o nosso autor diz que, de tanto recusar o Bem, celebrando a morte, o poeta criou um obra durável, imortal (BATAILLE, 1957). Caberia a Bataille tal preceito?

7

\*

### **BRUNO RIBEIRO DE LIMA**

É mestre em Culturas Literárias Europeias (programa europeu Erasmus Mundus) pelas Universités de Strasbourg (França) e Alma Mater Università di Bologna (Itália). Tem publicado na revista Pandora n° 31, “A magia do teatro”, assim como nas edições n° 7 e n° 39 da mesma revista. Em outubro 2012 inicia sua tese de doutorado sobre a poética em Georges Bataille – co-tutela Paris 8 e Universidade de São Paulo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1970-1988, vol. I a XII.

\_\_\_\_\_. *La littérature et le mal*. Paris: Gallimard, 1957.

\_\_\_\_\_. *La part maudite* précédé de *La notion de dépense*, introd. Jean Piel, Minuit, « Critique », 1967, réimpression 26/09/2010.

\_\_\_\_\_. *Romans et récits*. Paris: Gallimard, « Bibliothèque de la Pléiade », 2004.

\_\_\_\_\_. *Madame Edwarda, Le mort, Histoire de l'œil*. Paris: UGE 10/18, nouvelle édition, 1994.

\_\_\_\_\_. *L'Expérience intérieure*. Paris: Gallimard, « Tel », 1978.

\_\_\_\_\_. *William Blake* (traduit et présenté par Georges Bataille). Paris: Fata Morgana, 2008.

CELS, Jacques. *L'exigence poétique de Georges Bataille*. Bruxelles: De Boeck-Wesmael, « Culture et communication. Littérature », 1989.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *La ressemblance informe ou le Gai Savoir visuel selon Georges Bataille*. Macula, 1995.

ERNST, Gilles. *Georges Bataille: analyse du récit de mort*. Paris: PUF, 1993.

THÉVENIEU, Yves. *La question du récit dans l'oeuvre de Georges Bataille*. Francis Marmande, (thèse) D., Lit. et Civ. françaises, Université de Paris 7, 1987.

WILLEMS, Sandrine. L'instant retrouvé: Temps et mouvement dialectique chez Georges Bataille (thèse). Université Libre de Bruxelles, 1994.

- 
- 1 Indicamos ao leitor apenas algumas das 58 ocorrências existentes nesse capítulo. As citações anteriores se encontram nas páginas 165, 167, 173, 174, 176, 177-178, 178.
  - 2 Optamos por traduzir o termo *consumation* por “consumição”. “*Consumation*” é uma invenção batailliana derivada da nominalização do verbo *consumer* no sentido de “esgotar-se”.
  - 3 Essa frase de Bataille (*L'homme est trop peu "soleil"* – O Homem é muito pouco “sol”) aparece no livro *Le coupable (O Culpado)* e está aqui sendo citada de memória, refrescada pelo recente colóquio ao qual assisti no Centro Pompidou: Rayonnement Bataille, em 01/06/2012. Disponível em: <http://www.centrepompidou.fr/Pompidou/Manifs.nsf/0/40CF7003DFD1841FC12579B800471BE0?OpenDocument&sessionM=2.6.2&L=1>
  - 4 O neologismo aqui junta-se à palavra “*consumation*”.